

Maria Andréia Parente Lameiras²

Sandro Sacchet de Carvalho³

Carlos Henrique L. Corseuil⁴

Lauro R. A. Ramos⁵

SUMÁRIO

A recuperação do mercado de trabalho ao longo dos últimos meses, apesar de esperada, vem surpreendendo positivamente, conjugando um aumento significativo da população ocupada com a manutenção de rendimentos reais. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), embora ainda se encontre em níveis muito abaixo dos observados no período pré-crise, o contingente de trabalhadores ocupados vem crescendo, na comparação interanual, desde o trimestre encerrado em julho de 2017. Em janeiro de 2018, a taxa de expansão interanual apontada pela Pnad Contínua foi de 2,1%, o que se constitui no melhor resultado, neste tipo de comparação, desde fevereiro de 2014. Apesar de este aumento ter se verificado, essencialmente, no mercado informal, a ocupação com carteira também mostra resultados favoráveis. Segundo o Cadastro-Geral de Emprego e Desemprego (Caged), nos últimos meses os saldos dessazonalizados têm sido positivos, algo que não se verificava desde o primeiro trimestre de 2014.

Os efeitos do aumento da ocupação sobre a redução da taxa de desemprego, entretanto, têm sido atenuados pela forte expansão da força de trabalho. Além disso, os microdados por indivíduo extraídos da Pnad Contínua revelam que vem crescendo o número de trabalhadores marginalmente ligados à população economicamente ativa (PEA), que constituem uma parcela da população que está na inatividade, mas que deseja voltar ao mercado e, por conseguinte, uma parcela

1. Este artigo foi publicado na seção *Mercado de trabalho* da Carta de Conjuntura, em sua edição de número 38 (disponível em: <http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2018/04/03/mercado-de-trabalho-8/>), completando um processo gradual de convergência das duas análises, e que envolve um trabalho conjunto da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) e da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea".

2. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea. *E-mail*: <maria-andreia.lameiras@ipea.gov.br>.

3. Técnico de planejamento e pesquisa na Dimac do Ipea. *E-mail*: <sandro.carvalho@ipea.gov.br>.

4. Técnico de planejamento e pesquisa da Disoc do Ipea. *E-mail*: <carlos.corseuil@ipea.gov.br>.

5. Técnico de planejamento e pesquisa da Disoc do Ipea. *E-mail*: <lauro.amos@ipea.gov.br>.

dessas pessoas tende a incorporar-se à força de trabalho à medida que as condições do mercado forem melhorando.

Apesar dessa pressão exercida pela PEA, a redução da taxa de desocupação vem ocorrendo de forma consistente no período recente e atinge todos os segmentos da população, sendo mais intensa nos grupos de trabalhadores com ensinos fundamental e médio, com idade entre 18 e 24 anos e do sexo feminino. Entre os trabalhadores com ensino médio incompleto, por exemplo, a taxa de desocupação caiu 3,8 pontos percentuais (p.p.) na comparação entre o último e o primeiro trimestres de 2017 – de 24,2% para 20,4%. Na mesma base de comparação, a queda entre os jovens de 18 a 24 anos foi de 3,5 p.p. e entre as mulheres de 2,6 p.p.

Assim como a ocupação, os dados de rendimento reforçam esse ambiente mais favorável para o mercado de trabalho. Em que pese alguma desaceleração no seu ritmo de crescimento, o rendimento médio real habitualmente recebido registrou, no último trimestre encerrado em janeiro de 2018, alta de 1,6%. Embora parte deste avanço dos salários reais possa refletir o forte recuo da taxa de inflação em 2017 (a inflação de 2016, usada como indexador, foi consideravelmente maior), a expansão dos rendimentos ao longo dos últimos meses é, de certo modo, surpreendente, tendo em vista que ainda há um excesso de mão de obra disponível na economia – a despeito da ocupação ter crescido nos últimos trimestres.

Uma explicação para o aumento do rendimento médio poderia estar as mudanças na composição dos empregados. Porém isso não parece condizente com a maior presença de trabalhadores sem carteira ou conta-própria. Já na dimensão da escolaridade dos trabalhadores, parece haver uma mudança na composição compatível com o aumento de rendimentos, com trabalhadores mais escolarizados tornando-se relativamente mais presentes.

Para os próximos meses, a expectativa é de que esse cenário de maior dinamismo do mercado de trabalho se intensifique, seja por conta da continuada expansão da ocupação, seja pela manutenção dos aumentos reais dos salários, que garantiria uma trajetória positiva para a massa de rendimentos reais. Já o comportamento da taxa de desocupação dependerá, em grande parte, da trajetória da taxa de atividade ao longo do ano.

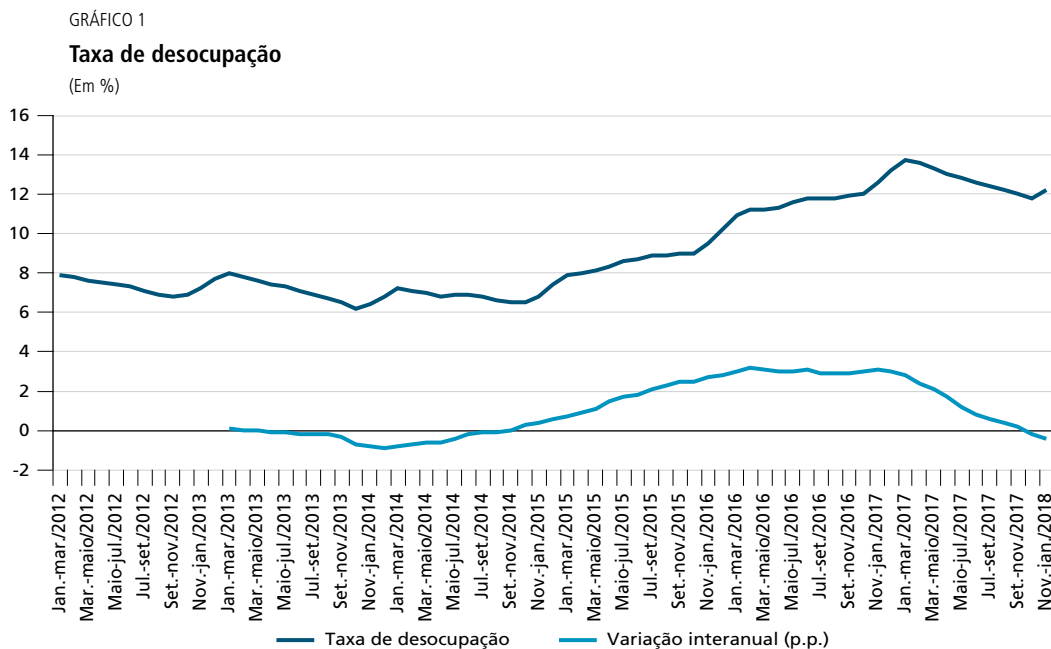
Outro componente cujo efeito é ainda difícil de prever refere-se às novas regras trabalhistas que entraram em vigor no segundo semestre de 2017. Por um lado, essas regras implementadas em novembro passado, por meio da Lei nº 13.467/2017 (conhecida como reforma trabalhista), devem gerar o aumento da formalização do emprego, pois estimulam a absorção pelo mercado formal de um contingente de trabalhadores sem carteira que poderão ofertar, de forma legal, trabalhos intermitentes ou com jornadas flexíveis. Por outro lado, a Lei nº 13.429/2017 (conhecida como nova lei da terceirização), aprovada em março, pode vir a favorecer o aumento da participação de trabalhadores por conta própria.

Por fim, a construção deste ambiente de melhoria de ocupação e renda baseia-se na perspectiva de que o avanço do nível de atividade esperado para 2018 ocorrerá, principalmente, por conta da retomada do consumo das famílias. Entretanto, na hipótese de um aumento dos investimentos, pode haver uma expansão ainda mais forte da ocupação, sobretudo no setor da construção civil, e, conseqüentemente, uma queda mais rápida da taxa de desemprego. Essa eventual queda mais rápida no desemprego decorrente da criação de postos na construção civil pode não vir acompanhada de uma queda na informalidade, dada a relativa concentração das relações informais nesse setor de atividade.

1 ASPECTOS GERAIS

Melhoria no mercado de trabalho brasileiro, iniciada em 2017, vem se consolidando gradativamente. Apesar da leve aceleração, quando comparada a dezembro, explicada pela sazonalidade do período, a taxa de desocupação registrou, em janeiro, a segunda variação negativa na comparação interanual.

Apesar do bom desempenho da ocupação, a desaceleração na comparação interanual da taxa de desocupação vem sendo atenuada pelo aumento da taxa de participação da economia, refletindo uma expansão da força de trabalho acima da apresentada pela população em idade ativa (PIA). Nos últimos trimestres móveis, entretanto, a desaceleração do crescimento interanual da PEA, causou uma leve diminuição da taxa de participação.



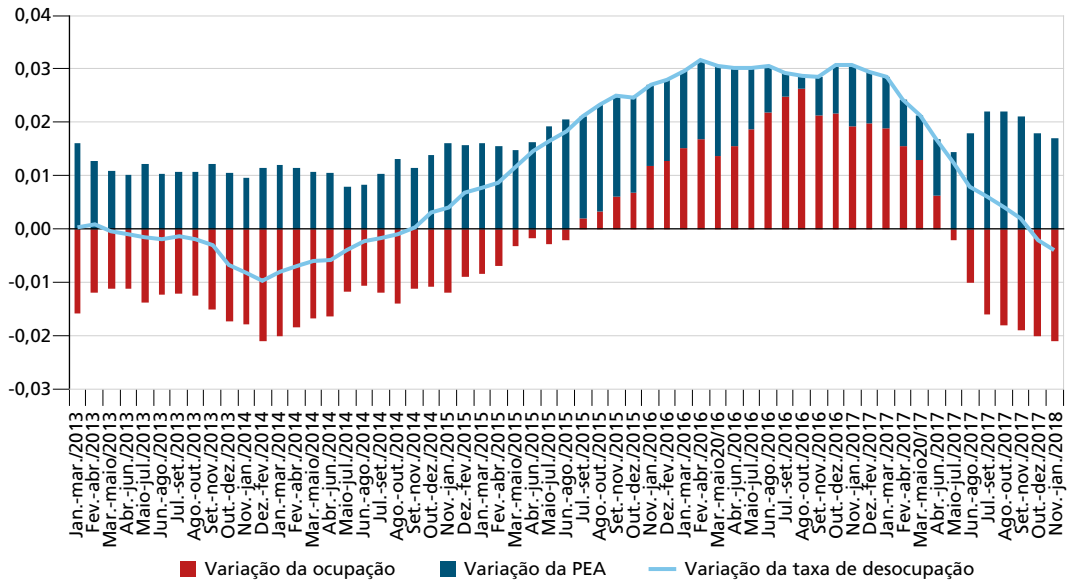
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2

Decomposição da variação interanual da taxa de desocupação

(Em p.p.)



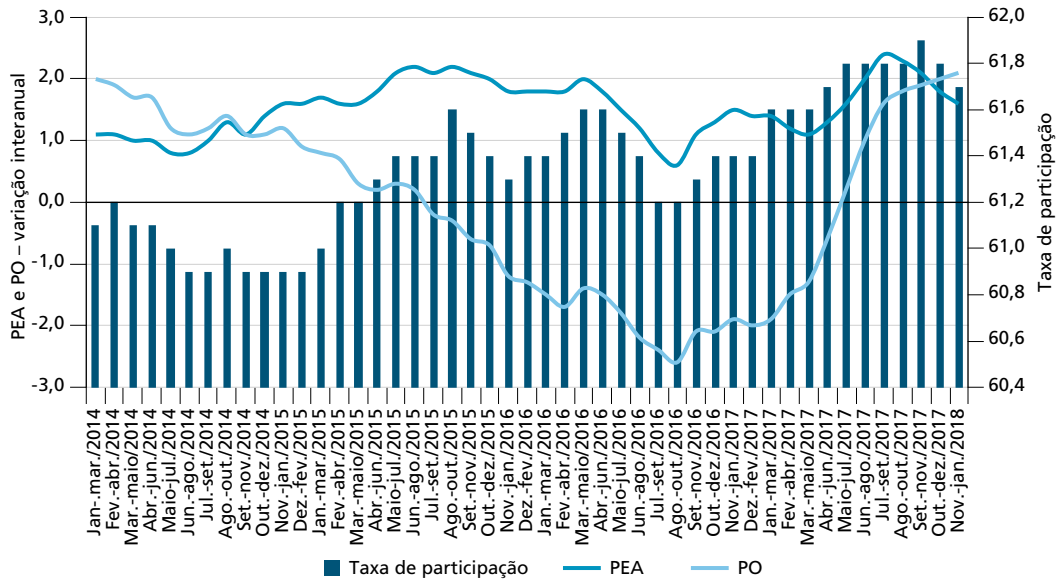
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3

Taxa de participação: PEA e PO

(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

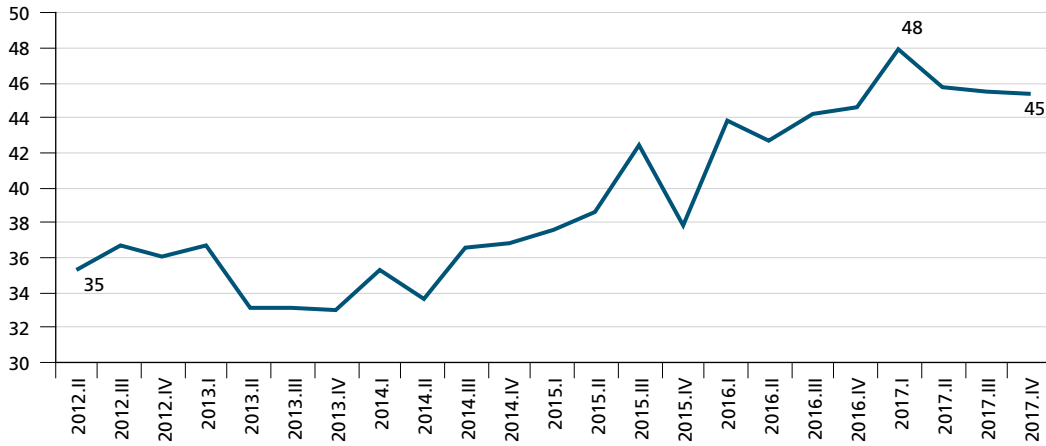
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação à desocupação, os dados revelam que, embora em patamar elevado, a proporção de trabalhadores que se mantiveram desocupados durante o trimestre recuou pela segunda vez consecutiva.

No entanto, vem caindo a proporção de desempregados que estão à procura de emprego a mais de um mês e a menos de um ano e aumentando a parcela de desocupados a mais de dois anos. O aumento nesse último grupo de indivíduos pode vir a ser responsável pela manutenção de um alto patamar para o grupo de indivíduos desalentados (ver apêndice A).

GRÁFICO 4

Proporção de trabalhadores que se mantiveram desocupados no trimestre
(Em %)

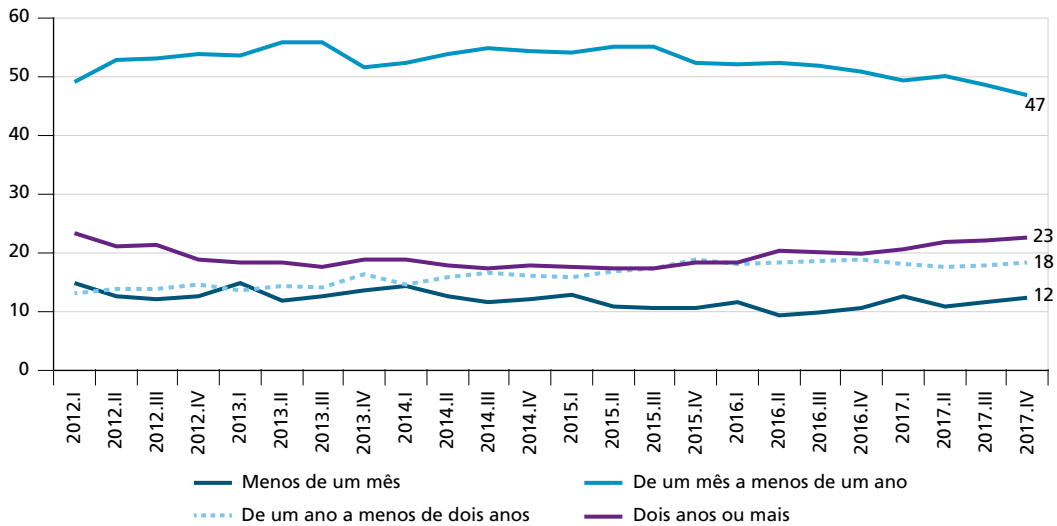


Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5

Proporção de trabalhadores desocupados no tempo de procura
(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em termos desagregados, observa-se que o comportamento mais favorável da taxa de desocupação ocorre de modo disseminado entre todas as categorias, com destaque para o grupo dos trabalhadores mais jovens, dos com ensino fundamental ou médio e das mulheres.

TABELA 1

Taxa de desemprego

(Em %)

	2016				2017			
	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.
Brasil	10,9	11,3	11,8	12,0	13,8	13,0	12,4	11,8
Centro-Oeste	9,7	9,7	10,0	10,9	12,1	10,6	9,7	9,4
Nordeste	12,8	13,2	14,1	14,4	16,3	15,9	14,8	13,8
Norte	10,5	11,2	11,4	12,7	14,2	12,5	12,2	11,3
Sudeste	11,4	11,7	12,3	12,3	14,2	13,6	13,2	12,6
Sul	7,3	8,0	7,9	7,7	9,3	8,4	7,9	7,7
Masculino	9,5	9,9	10,5	10,7	12,2	11,5	11,0	10,5
Feminino	12,7	13,2	13,5	13,8	15,8	14,9	14,2	13,2
18 a 24 anos	24,1	24,5	25,7	25,9	28,8	27,3	26,5	25,3
25 a 39 anos	9,9	10,4	10,9	11,2	12,8	12,0	11,3	10,8
40 a 59 anos	5,9	6,3	6,7	6,9	7,9	7,6	7,4	7,0
Mais de 60 anos	3,3	3,8	3,6	3,4	4,6	4,5	4,3	4,2
Não chefe de família	15,0	15,3	15,8	16,0	18,1	17,1	16,4	15,3
Chefe de família	6,1	6,6	7,0	7,2	8,4	7,9	7,6	7,4
Fundamental incompleto	9,1	9,7	10,5	11,3	12,3	12,0	11,4	10,9
Fundamental completo	11,6	12,9	13,4	13,4	15,2	15,0	14,8	13,6
Médio incompleto	20,4	20,6	21,4	22,0	24,2	21,8	21,0	20,4
Médio completo	12,7	12,8	13,2	13,2	15,5	14,6	14,0	13,0
Superior	7,6	7,8	7,8	7,6	9,2	8,3	7,9	7,8
RM	11,9	12,6	13,5	13,5	14,9	14,7	14,1	13,7
NRM	10,1	10,4	10,5	10,9	12,9	11,7	11,2	10,3

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A taxa de desocupação dos jovens mantém-se acima dos demais, porém com desaceleração mais intensa, possibilitada pelo aumento da ocupação em ritmo superior à expansão da PEA.

No primeiro trimestre de 2017, aproximadamente 19% dos jovens desempregados conseguiam transitar para a ocupação. No quarto trimestre este percentual avançou

para 24%. No sentido contrário, o percentual de jovens ocupados que foram demitidos recuou de 9% para 7% na mesma base de comparação.

Apenas o grupo de trabalhadores entre 25 e 39 anos apresentou piora na transição da ocupação para o desemprego no último trimestre. Após apresentarem uma trajetória crescente ao longo de 2017, todos os grupos mostram queda na transição da ocupação para o desemprego.

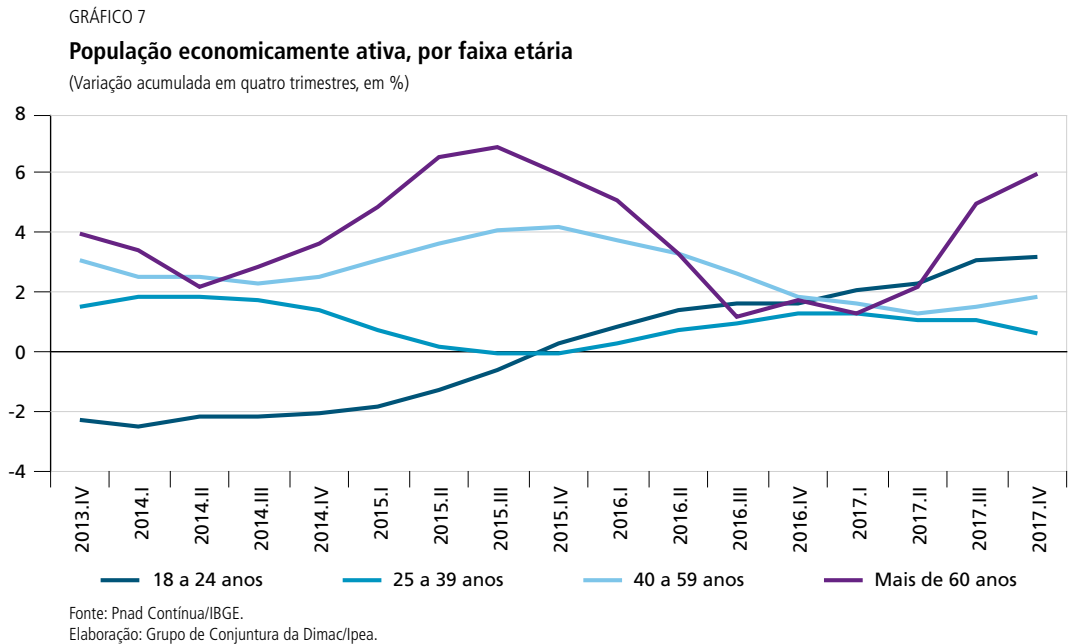
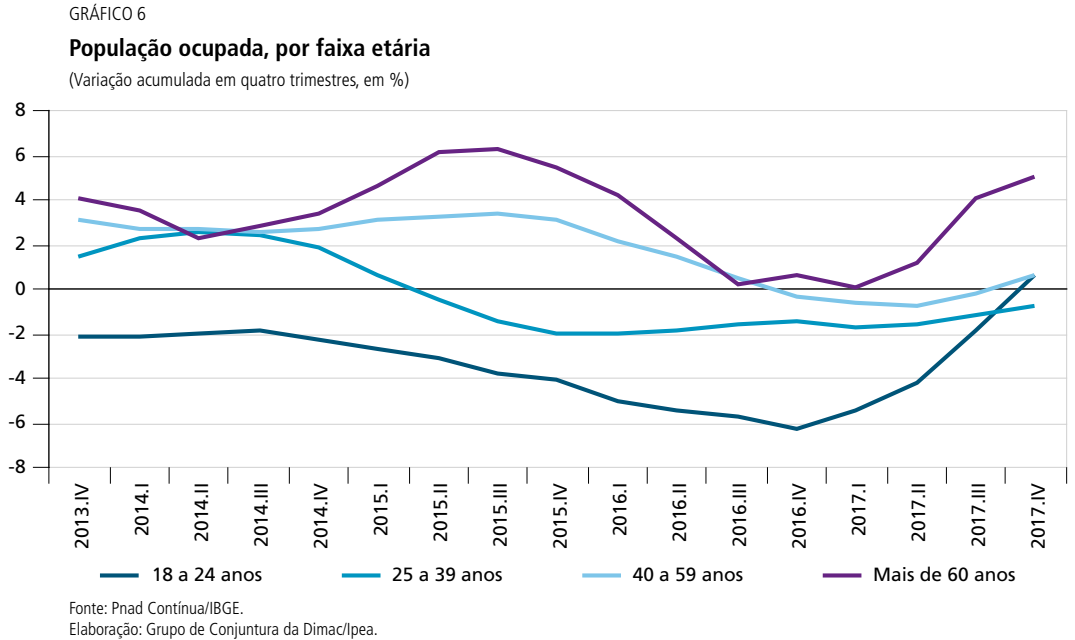
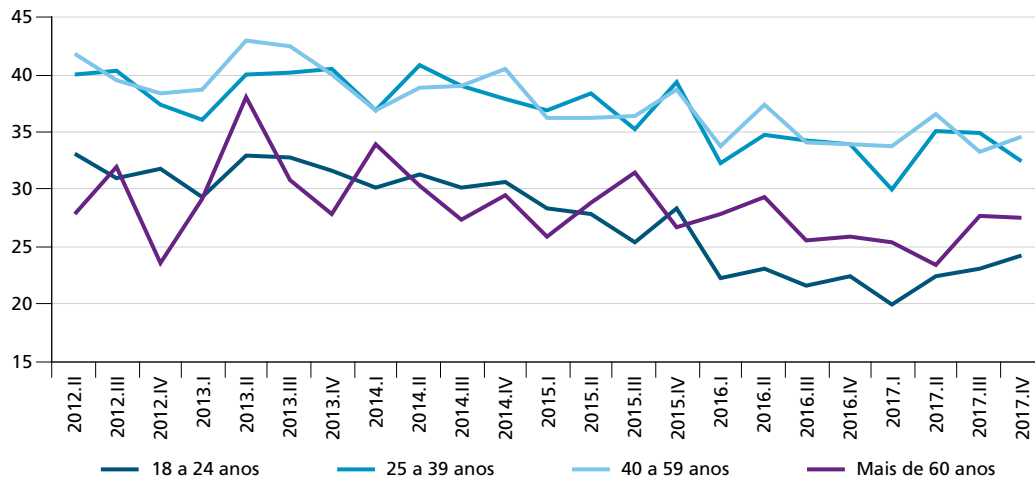


GRÁFICO 8

Proporção de desocupados que transitaram para a ocupação, por faixa etária
(Em %)

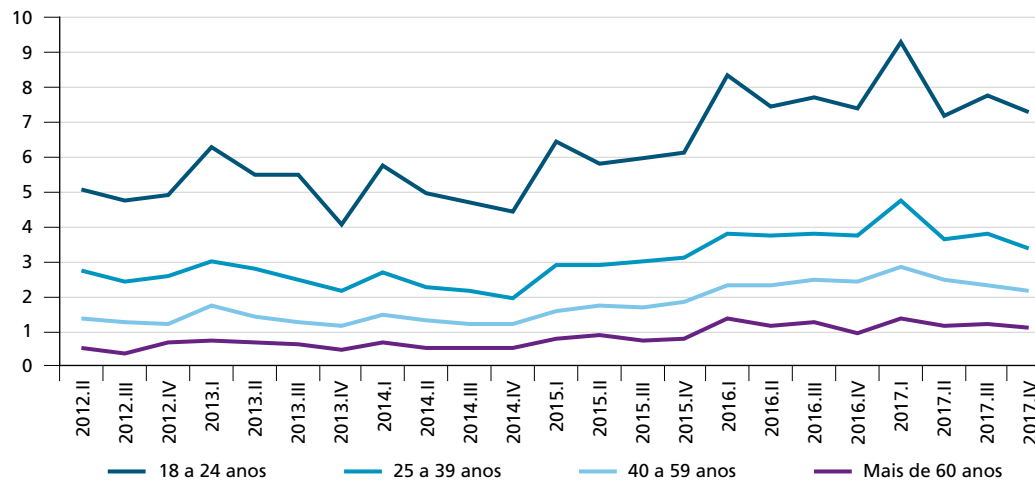


Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9

Proporção de ocupados que transitaram para o desemprego, por faixa etária
(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

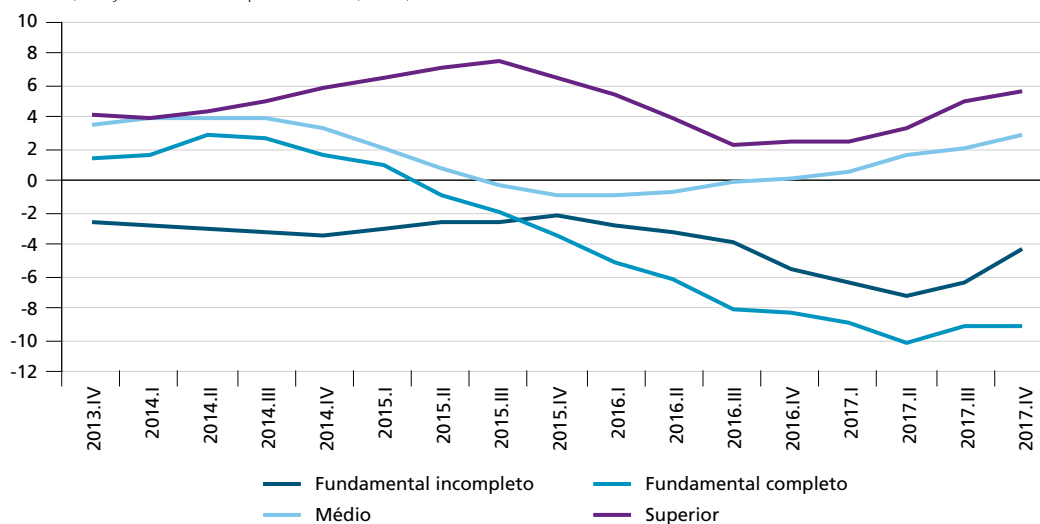
O corte por educação também indica uma melhoria do cenário de emprego para todos os segmentos de trabalhadores. À exceção do grupo que possui ensino fundamental completo, todos os demais apresentaram aceleração nas suas taxas de expansão da ocupação, com destaque para os de maior instrução (médio e superior).

Os dados de transição mostram que apenas o grupo com ensino superior não apresentou aumento na proporção de trabalhadores que migraram do desemprego para a ocupação no último trimestre. Na transição da ocupação para o desemprego houve recuo em todos os níveis de instrução.

GRÁFICO 10

População ocupada, por grau de instrução

(Variação acumulada em quatro trimestres, em %)



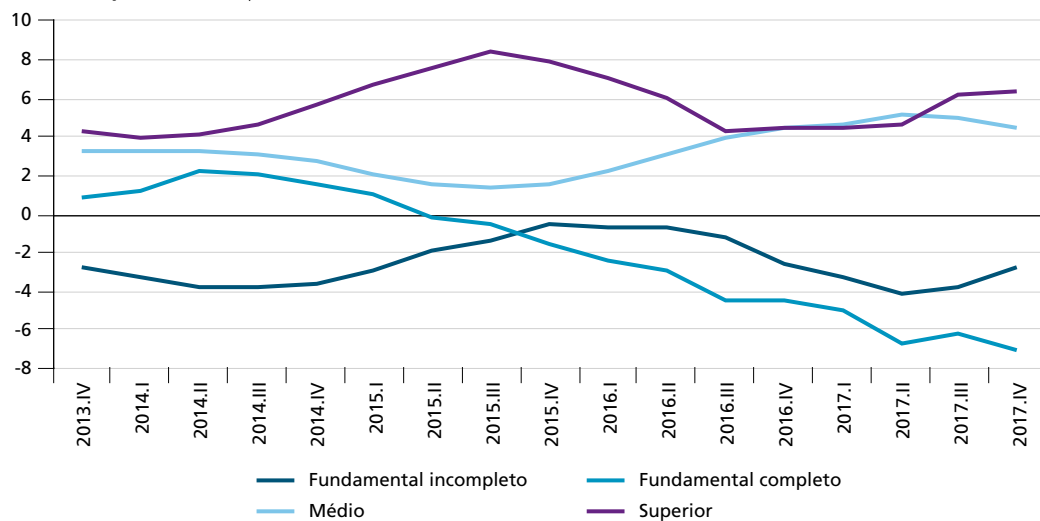
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

População economicamente ativa, por grau de instrução

(Variação acumulada em quatro trimestres, em %)

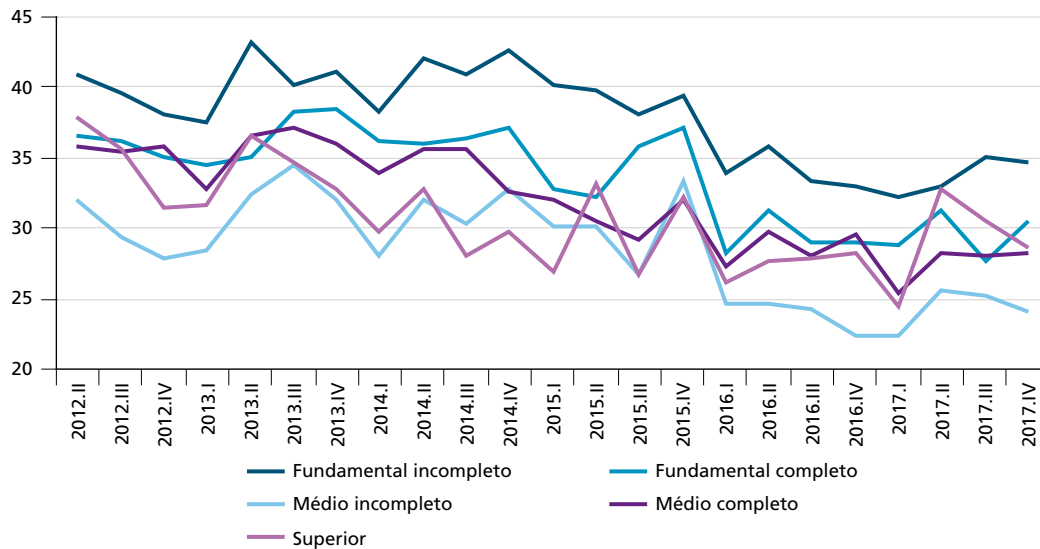


Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12

Proporção de desocupados que transitaram para a ocupação, por grau de instrução
(Em %)

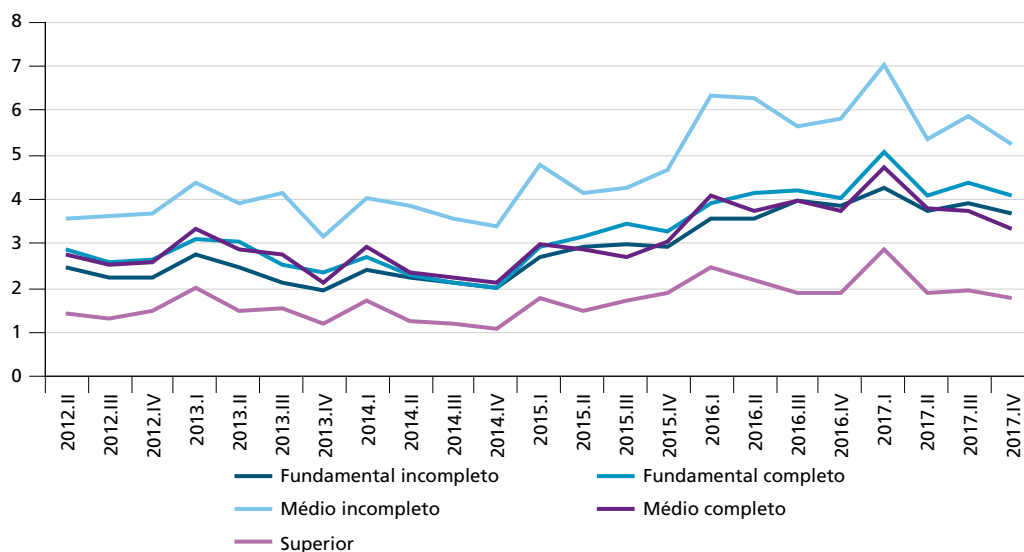


Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13

Proporção de ocupados que transitaram para o desemprego, por grau de instrução
(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Na abertura geográfica (tabela B.1), destaca-se a melhoria do nível de desocupação nas regiões Norte e Nordeste. Em que pese o bom desempenho da taxa de desemprego no Espírito Santo e em Minas gerais, os dados da região Sudeste foram influenciados negativamente pelo comportamento da desocupação no Rio de Janeiro. Além do Rio, Amapá, Goiás e Distrito Federal apresentaram aumento do desemprego no último trimestre de 2017.

2 GRAU DE FORMALIDADE

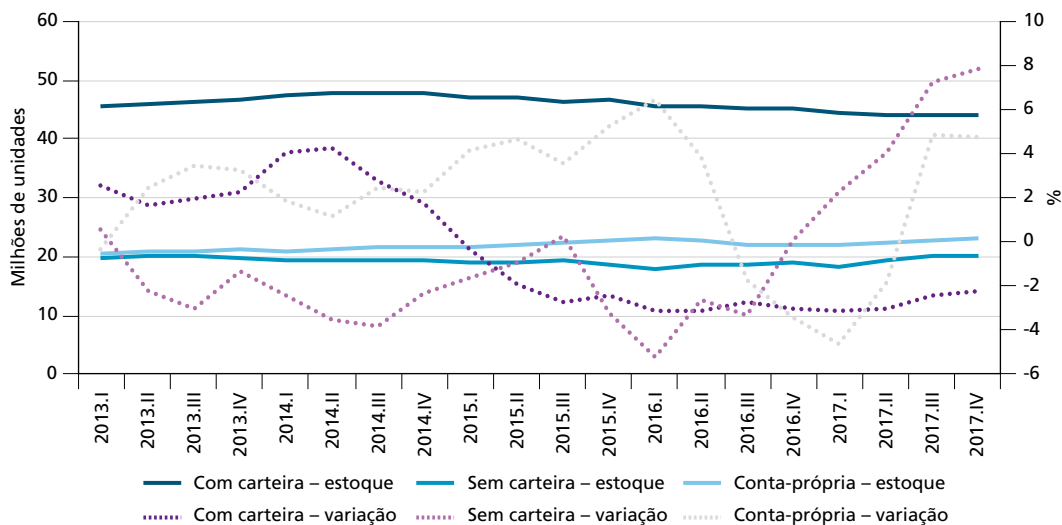
A retomada do dinamismo do mercado de trabalho vem sendo calcada, sobretudo, pelo aquecimento do mercado informal (sem carteira) e do segmento dos conta-própria. Estes dois grupos são os que mais absorvem desempregados proporcionalmente, mas também são os que mais dispensam trabalhadores, implicando alto grau de rotatividade.

Embora ainda em retração, na comparação interanual, há uma ligeira redução no ritmo dessa queda para a ocupação com carteira. Os dados de transição indicam que, se por um lado este segmento é o que menos retira trabalhadores do desemprego, por outro ele vem, proporcionalmente, demitindo menos.

GRÁFICO 14

Ocupação por tipo de vínculo: estoque e variação intra-anual

(Em milhões de unidades e %, respectivamente)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

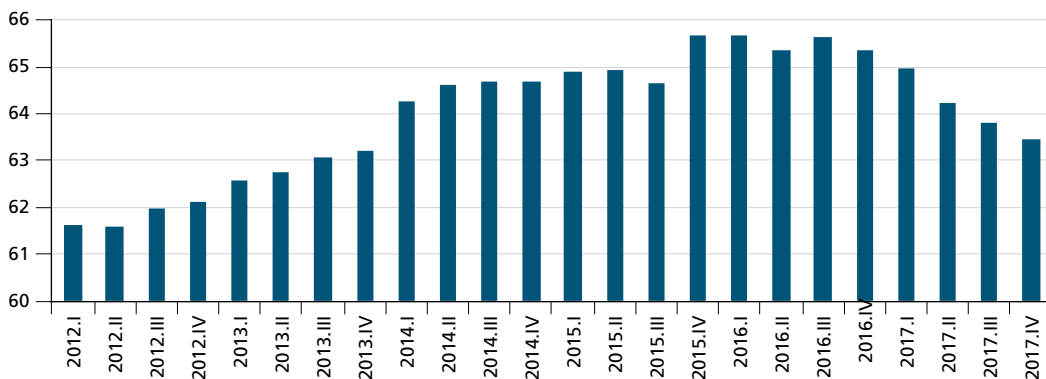
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O aumento do número de trabalhadores sem carteira e conta-própria, combinado com a retração da ocupação com carteira, vem desencadeando uma queda no número de empregados que contribuem para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) – ver gráfico 15.

GRÁFICO 15

Ocupados que contribuem para a Previdência Social

(Em %)



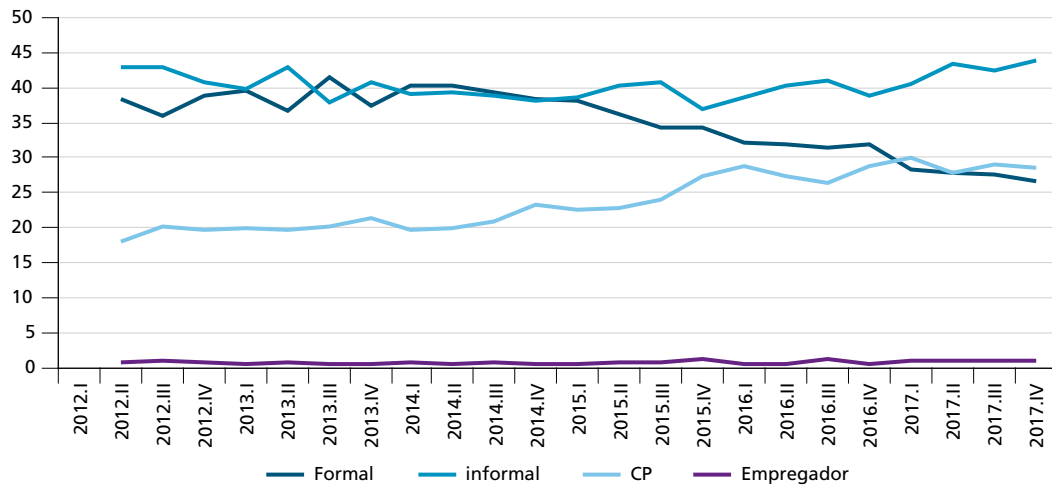
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 16

Proporção de desocupados que obtiveram uma ocupação, por vínculo

(Em %)



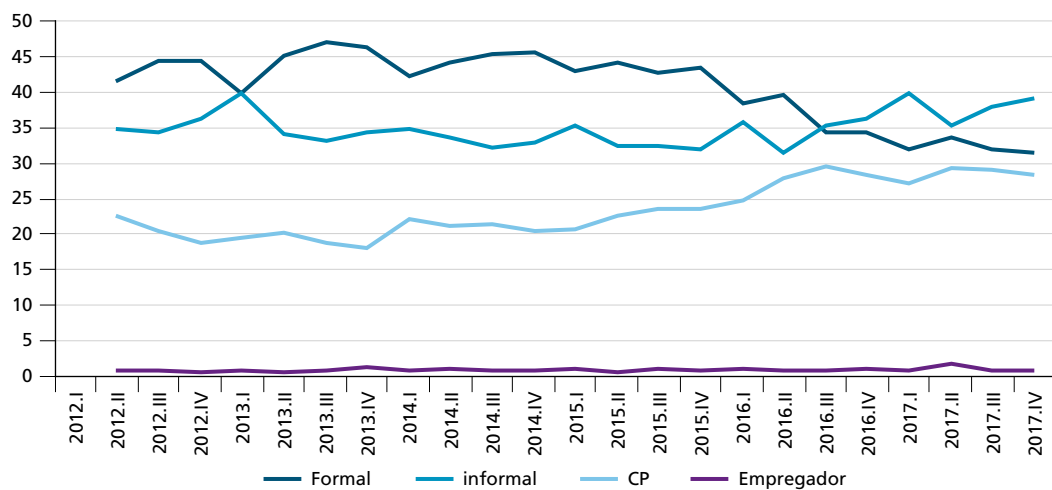
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 17

Proporção de ocupados que perderam sua ocupação, por vínculo

(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

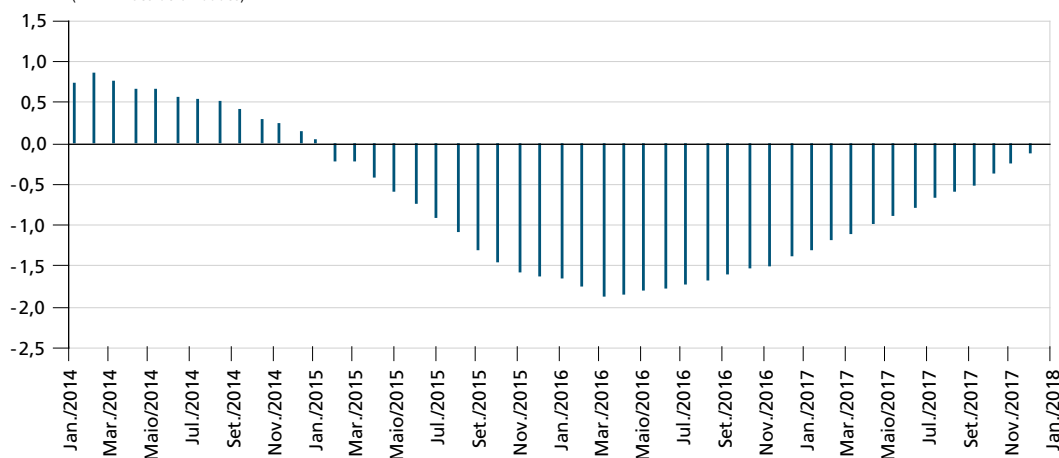
No âmbito do Caged há indicação de um desempenho recente ainda melhor do emprego com carteira. De fato, após registrar por quase três anos saldos negativos no acumulado em doze meses, as estatísticas de janeiro mostram que a destruição de empregos formais parece ter sido estancada e a as admissões vêm suplantando as demissões nos últimos meses (gráfico 18).

Os fluxos mensais dessazonalizados, por sua vez, mostram que, desde meados de 2017, o número de admissões no mercado formal vem superando o de demissões, algo que não acontecia desde o início de 2014.

GRÁFICO 18

Caged: saldos acumulados em doze meses

(Em milhões de unidades)

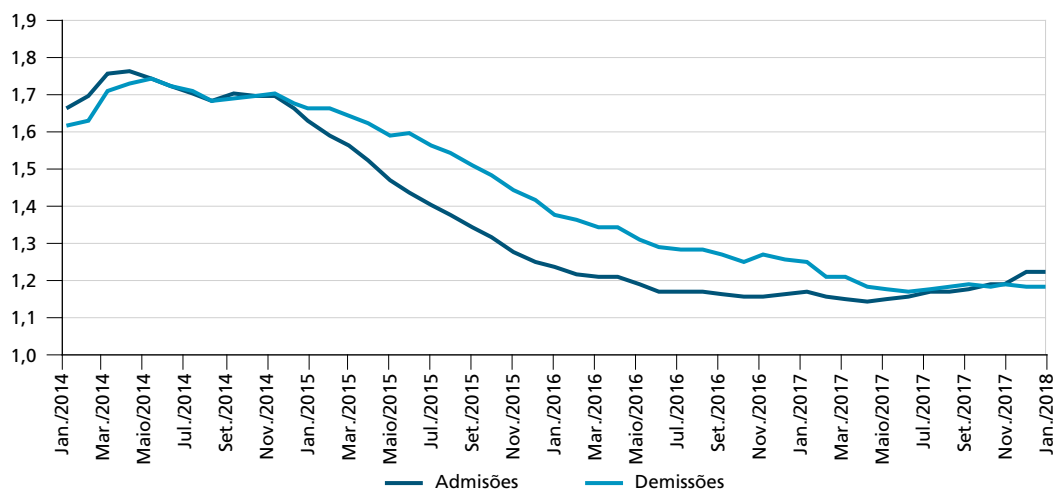


Fonte: Caged/MTb.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 19

Caged: saldos mensais dessazonalizados – média móvel trimestral

(Em mil unidades)



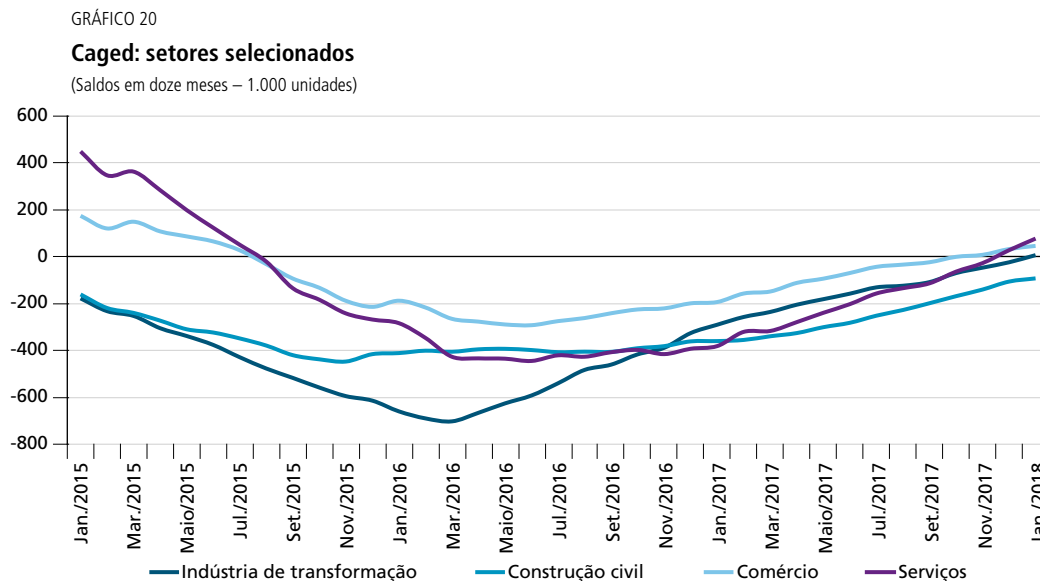
Fonte: Caged/MTb.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 EMPREGO SETORIAL

Em termos setoriais, os dados do Caged e da Pnad Contínua apresentam um cenário bem semelhante, indicando que, independentemente da questão do grau de formalidade do emprego, o mercado de trabalho vem respondendo positivamente à retomada do nível de atividade econômica, gerando melhoria da ocupação em todos os setores da economia, ainda que em magnitudes diferentes.

Nos últimos doze meses, até janeiro, apenas a construção civil ainda mostra saldo negativo na criação de novas vagas com carteira assinada. O destaque positivo fica por

conta da indústria de transformação que, desde o segundo trimestre de 2016, veio reduzindo o ritmo de destruição de vagas de emprego formais, de tal modo que a partir de novembro de 2017 já registra saldos positivos.



Fonte: Caged/MTb.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por englobar o mercado informal, que tem sido o principal gerador de novos postos de trabalho, a Pnad Contínua indica, na comparação interanual, que, no quarto trimestre de 2017, apenas quatro dos onze setores ainda apresentavam taxa de crescimento da ocupação negativa – agricultura, construção civil, administração pública e serviços de transporte e correios.

A queda no número de empregados na construção civil é explicada pelo desempenho ruim da ocupação com carteira, tendo em vista que, no último trimestre, o total dos trabalhadores informais ocupados neste segmento já apresenta expansão. Entre todos os onze setores, somente a indústria extrativa, os serviços de intermediação financeira e o setor de serviços pessoais registraram aumento da ocupação com carteira.

TABELA 2

Pnad Contínua: população ocupada por setores

(Taxa de variação interanual, em %)

	1º trim./2016	2º trim./2016	3º trim./2016	4º trim./2016	1º trim./2017	2º trim./2017	3º trim./2017	4º trim./2017
Agricultura	-1,1	-1,5	-4,7	-4,5	-8,0	-8,1	-4,4	-5,1
Indústria de transformação	-11,5	-11,0	-10,1	-7,7	-2,9	0,8	2,1	4,6
Construção civil	-1,2	3,9	-2,3	-10,8	-9,5	-9,2	-3,8	-1,9
Comércio	0,0	-1,0	-2,8	-0,4	-1,3	0,0	2,4	1,2
Administração pública	-3,9	-1,4	-2,1	-1,3	-3,1	-3,1	-2,9	-5,3

(Continua)

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

(Continuação)

	1º trim./2016	2º trim./2016	3º trim./2016	4º trim./2016	1º trim./2017	2º trim./2017	3º trim./2017	4º trim./2017
Transporte e correios	4,3	5,0	5,2	2,2	10,3	2,9	2,6	-1,0
Alojamento e alimentação	4,0	3,8	8,0	5,4	11,0	12,9	12,0	8,7
Intermediação financeira, imobiliária e serviços a empresas	-6,3	-10,0	-9,3	1,8	2,5	1,4	5,1	4,2
Saúde e educação	5,8	5,5	4,2	-0,4	-1,4	-0,4	2,0	2,9
Outros serviços	0,2	-0,5	2,3	4,0	2,1	7,8	5,0	8,7
Serviços domésticos	4,3	5,3	2,8	-3,7	-2,9	-2,9	0,4	4,2

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3

Pnad Contínua: população ocupada por setores e por tipo de vínculo

(Taxa de variação interanual em % e participação em p.p.)

	Taxa de variação interanual (%)			Participação (p.p.)		
	Com carteira	Sem carteira	Conta-própria	Com carteira	Sem carteira	Conta-própria
Total	-2,2	7,9	4,8	100	100	100
Agricultura	-5,3	-2,2	-8,0	3,3	14,7	16,1
Indústria da transformação	-0,1	15,6	14,3	15,1	6,5	9,4
Indústria extrativa	0,1	11,7	-1,4	0,8	0,2	0,1
SIUP	-2,9	17,5	-0,6	1,3	0,5	0,7
Construção civil	-13,8	1,4	2,1	3,7	7,1	15,1
Comércio	-2,4	6,3	4,5	18,7	14,8	21,3
Intermediação financeira, imobiliária e serviços a empresas	1,1	7,9	14,4	14,8	5,5	8,4
Transporte	-7,9	12,9	4,2	5,1	2,5	7,2
Serviços pessoais	6,8	8,0	10,4	2,3	4,3	11,1
Administração pública	-5,3	22,0	-	9,0	5,5	-
Saúde e educação	-0,4	15,5	9,1	17,7	9,8	2,8
Alojamento e alimentação	-1,9	14,1	14,1	4,0	6,2	7,7
Serviços domésticos	-3,6	7,8	-	4,2	22,3	-

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

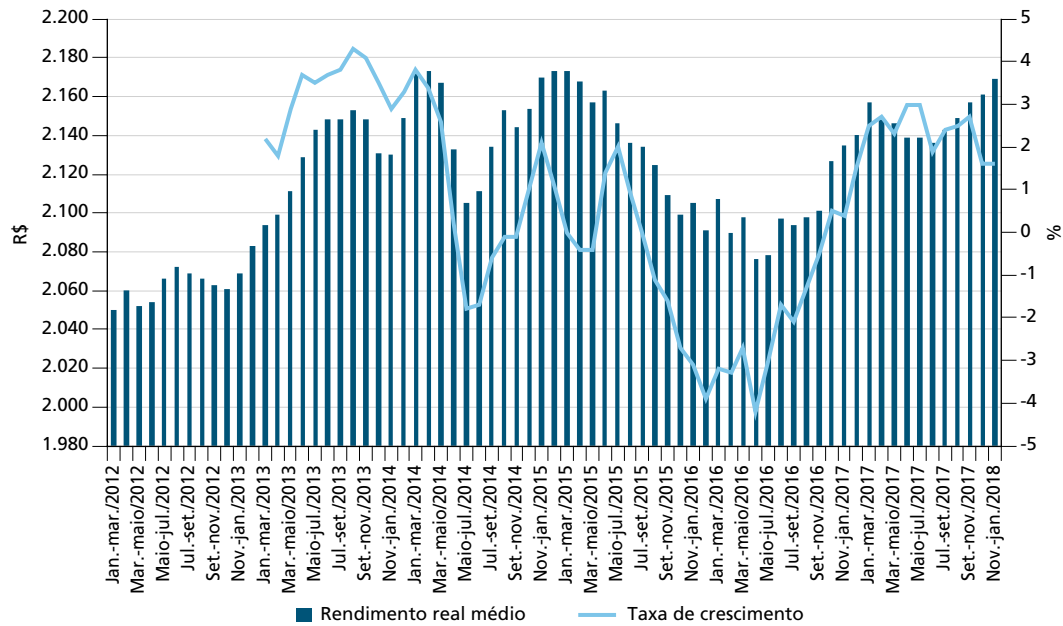
4 RENDIMENTOS

Após apresentar sucessivas taxas de variação média acima de 2,0% em 2017, os rendimentos reais reduziram o seu ritmo de crescimento. No último trimestre móvel, encerrado em janeiro de 2018, foi registrado um crescimento interanual de 1,6%, com destaque para o setor privado com carteira e conta-própria.

GRÁFICO 21

Pnad Contínua: rendimento médio real

(Valor absoluto em R\$ e taxa de variação interanual em %)



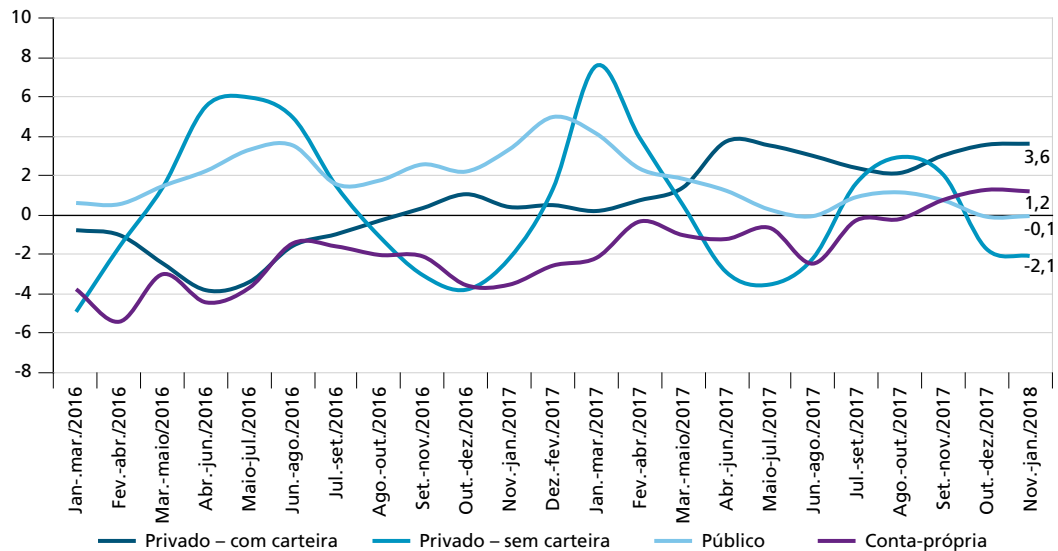
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 22

Pnad Contínua: rendimento médio real, por tipo de vínculo

(Taxa de variação interanual, em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No último trimestre de 2017, as maiores altas salariais foram registradas na região Norte e pelos trabalhadores do sexo masculino. Em relação à idade e ao grau de instrução, os maiores percentuais de reajuste ocorreram nos subgrupos com mais de 60 anos e com ensino médio incompleto.

TABELA 4

Pnad Contínua: rendimento médio real – dados desagregados

(Taxa de variação interanual, em %)

	2016				2017			
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.
Brasil	-3,2	-4,2	-2,1	0,5	1,7	2,1	1,7	1,6
Centro-Oeste	-4,4	-4,1	-1,9	0,6	2,7	2,3	1,4	3,2
Nordeste	-4,5	-4,6	-3,9	0,9	4,0	4,6	3,5	4,3
Norte	-7,6	-1,6	-3,7	-1,4	2,8	1,9	5,0	5,4
Sudeste	-1,2	-4,3	-2,4	-0,6	-0,9	0,0	0,3	0,0
Sul	-6,3	-4,9	-0,9	1,9	4,4	4,0	2,2	1,7
Masculino	-3,8	-5,6	-2,9	0,2	1,3	2,5	2,3	2,6
Feminino	-2,2	-1,8	-0,8	1,2	2,7	1,7	1,0	0,3
18 a 24 anos	-6,3	-4,1	-4,5	-1,8	1,1	-0,6	1,4	0,2
25 a 39 anos	-2,4	-3,3	-2,6	1,1	1,3	1,6	1,0	1,2
40 a 59 anos	-4,5	-6,0	-3,3	0,9	0,9	2,0	2,2	0,2
60 anos ou mais	-5,1	-5,9	0,8	0,2	11,5	13,8	8,5	10,1
Não chefe de família	-1,1	-0,7	1,7	4,4	5,1	4,4	3,5	2,0
Chefe de família	-4,8	-6,3	-4,3	-2,0	-0,4	0,7	0,7	1,7
Fundamental incompleto	-6,6	-5,5	-2,8	-1,3	2,2	2,8	2,3	1,3
Fundamental completo	-3,5	-4,1	-1,5	-0,8	-0,8	0,6	-0,4	-0,1
Médio incompleto	-7,8	-5,0	-5,0	-1,5	3,7	2,3	3,8	5,0
Médio completo	-6,6	-4,4	-3,4	-2,1	0,5	-1,1	-2,2	-1,5
Superior	-5,0	-7,3	-5,4	-0,1	0,3	2,3	2,4	1,7
RM	-1,5	-3,2	-1,4	1,0	0,9	1,2	1,1	1,6
NRM	-5,1	-5,1	-2,9	-0,3	2,1	2,9	2,2	1,6

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

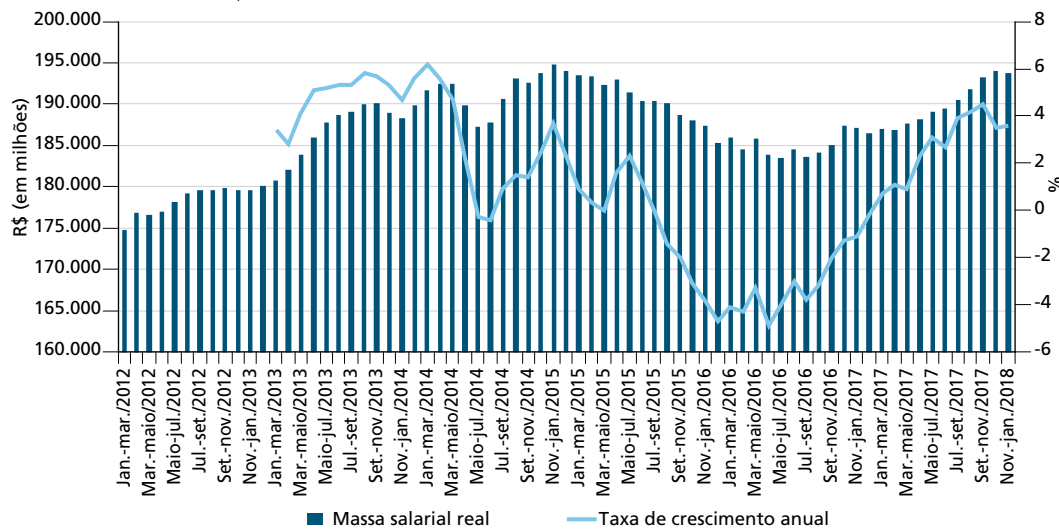
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A trajetória de crescimento dos rendimentos reais atrelada à expansão da população ocupada (PO) vem impactando positivamente o comportamento da massa salarial. Desde o trimestre móvel encerrado em maio de 2017, a massa vem se expandindo a taxas superiores a 3%, na comparação interanual – o que, deve contribuir para impulsionar o crescimento do consumo das famílias.

GRÁFICO 23

Massa salarial real habitualmente recebida

(Em R\$ milhões e %, respectivamente)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

APÊNDICE A

DESALENTO E OUTRAS CATEGORIAS DE INATIVO

O comportamento da PEA nos últimos anos, cuja taxa de crescimento vem alcançando frequentemente a marca de 2%, indica que há em curso um aumento no fluxo de pessoas saindo da condição de inativos para integrar a força de trabalho. No entanto, tem sido vinculado pela imprensa que o grupo de indivíduos desalentados, que são inativos, tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Essas duas constatações têm gerado certa inquietação sobre como interpretar esses fatos.

Dentro desta perspectiva, o objetivo deste apêndice é contribuir para a referida interpretação, mostrando que a fase do ciclo econômico afeta de forma heterogênea grupos de indivíduos inativos, que se distinguem em relação à sua disposição para trabalhar. O gráfico A.1 mostra a evolução de três grupos de indivíduos inativos, a saber: *i*) pessoas que gostariam de trabalhar, mas que não procuraram trabalho no mês de referência da Pnad Contínua por se sentirem desalentadas; *ii*) pessoas que gostariam de trabalhar, mas que não procuraram trabalho no mês de referência da Pnad Contínua por outro motivo; e *iii*) pessoas que não gostariam de trabalhar.

Entre o início de 2015 e o início de 2017, em que houve um acentuado aumento do desemprego, observa-se que o grupo do desalento acompanhou essa subida da desocupação. Nesse período, o montante de desalentados registrou um crescimento de quase 2 pontos percentuais (p.p.) em relação à PIA, confirmando notícias vinculadas na mídia recentemente. A partir desta constatação e mantendo-se tudo mais constante, este movimento deveria resultar em uma queda do fluxo de trabalhadores da inatividade para a força de trabalho, o que, entretanto, não ocorreu, tendo em vista que a PEA também apresentou expansão.

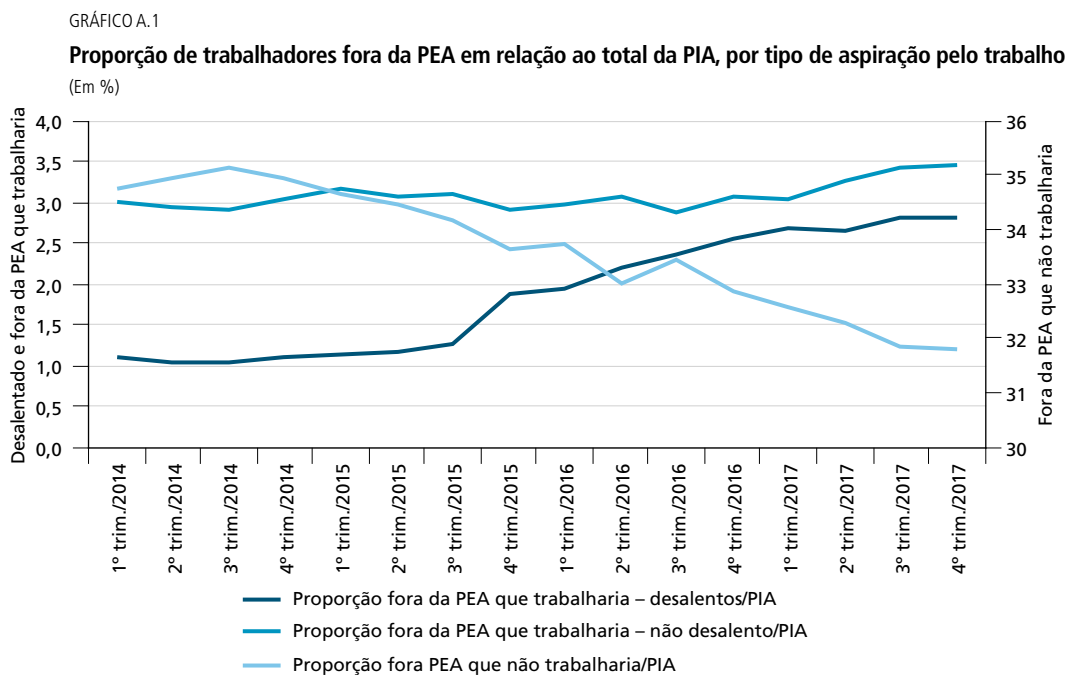
A aparente contradição é equacionada pelo mesmo gráfico A.1, que mostra uma queda significativa da parcela dos inativos que não gostaria de trabalhar. Esse cenário parece-nos condizente com um aumento do desemprego e uma retração dos rendimentos. Nesse contexto, é possível que indivíduos que se dedicavam exclusivamente a outras atividades (como estudos ou afazeres domésticos) passem a desejar trabalhar para compensar uma perda de renda e/ou de emprego de um familiar e/ou de um outro membro do domicílio. Mas a simples aspiração a um posto de trabalho não é suficiente para integrar a força de trabalho, e, neste caso, o desalento pode materializar-se como uma barreira para tal transição.

Ou seja, alguns indivíduos que deixaram o grupo dos que não queriam trabalhar podem ter passado a integrar a força de trabalho, enquanto outros podem ter migrado para o grupo dos desalentados. O primeiro caso seria composto por indivíduos que, ao optarem por retornar a força de trabalho, conseguiram uma ocupação ou tomaram alguma atitude para procurar uma vaga no mês de referência da Pnad Contínua. No segundo caso, apesar do desejo pelo trabalho, não houve por parte destes indivíduos uma atitude efetiva de procura por emprego, devido à percepção de que não seria possível obter uma oportunidade.

Nos últimos trimestres de 2017 a taxa de participação vem se mantendo em patamar elevado. Logo, não houve uma considerável reversão no fluxo de indivíduos da condição de inatividade para dentro da força de trabalho. No entanto, é nítido que há uma mudança do padrão descrito anteriormente para a evolução dos três grupos de indivíduos inativos, que dessa vez aparece de forma mais marcante para o grupo dos que não gostariam de trabalhar. Há uma evidente desaceleração da queda desse grupo, que vem sendo acompanhada por uma também desaceleração do grupo de desalentados.

Assim, é possível vislumbrar que, com a recuperação no mercado de trabalho, há uma menor necessidade de compensar perdas de rendimento ou de emprego de familiares, possibilitando que alguns membros do domicílio possam dedicar-se exclusivamente a outras atividades, desconectando-se por completo do trabalho, de forma a nem sequer o almejar. Com isso, há uma retração do fluxo para o desalento.

Em suma, o argumento deste apêndice é que a evolução do fluxo de pessoas que saíram do grupo dos inativos que não gostariam de trabalhar foi preponderante, não apenas para a evolução do desalento, mas também para a evolução da taxa de participação. Em um primeiro momento, entre o início de 2015 e o início de 2017, o referido fluxo de saída resultou em um influxo de pessoas tanto para o grupo de desalentados quanto para a PEA. Foi exatamente isso que viabilizou o aumento simultâneo da taxa de participação e do grupo de desalentados, que nos propomos a explicar neste apêndice. Depois disso, com a recuperação do mercado de trabalho, a transição para a PEA passou a ganhar peso relativo à transição para o desalento.



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

APÊNDICE B

TABELA B.1

Pnad Contínua: taxa de desocupação

(Em %)

UF	2º trim./2014	3º trim./2014	4º trim./2014	1º trim./2015	2º trim./2015	3º trim./2015	4º trim./2015	1º trim./2016	2º trim./2016	3º trim./2016	4º trim./2016	1º trim./2017	2º trim./2017	3º trim./2017	4º trim./2017
Rondônia	4,11	4,11	3,58	4,4	4,92	6,68	6,33	7,49	7,76	8,44	7,82	8,04	8,93	8,07	7,65
Acre	9,56	6,96	6,18	8,72	8,72	8,76	7,65	8,68	11,02	12,08	11,67	15,9	14,91	13,54	12,19
Amazonas	8,26	6,72	7,71	9,36	9,46	10,05	9,09	12,70	13,21	13,57	14,83	17,71	15,47	16	13,48
Roraima	5,24	6,27	6,31	8,9	7,77	9,3	8,07	8,27	7,98	9,71	9,22	10,34	10,84	8,91	9,35
Pará	7,02	7,18	6,98	9,17	8,94	8,42	8,61	10,03	10,86	10,96	12,67	13,81	11,39	11,12	10,65
Amapá	9,91	10,57	9,52	9,63	10,11	11,71	12,69	14,26	15,8	14,86	16,75	18,48	17,1	16,56	18,76
Tocantins	7,65	7,53	6,35	8,73	7,63	9,2	9,02	10,69	11,18	10,75	13,07	12,61	11,71	11,82	10,47
Maranhão	7,16	6,69	7,03	8,92	8,78	8,45	8,22	10,83	11,81	11,87	12,95	14,97	14,61	14,38	13,29
Piauí	7,01	6,10	5,93	7,7	7,66	7,63	7,18	9,56	9,88	9,38	8,83	12,58	13,52	12,03	13,28
Ceará	7,49	7,41	6,58	7,98	8,81	9,54	9,01	10,77	11,45	13,06	12,41	14,25	13,24	11,77	11,05
Rio Grande do Norte	11,53	10,54	10,36	11,48	11,57	12,65	12,16	14,35	13,47	14,12	14,67	16,33	15,62	13,7	12,25
Parabá	8,77	9,21	8,07	9,15	9,07	10,3	9,51	10,03	10,7	12,77	11,94	13,21	11,43	10,78	10,05
Pernambuco	7,92	8,31	7,59	8,16	9,07	11,2	11,02	13,27	13,96	15,33	15,61	17,1	18,85	17,9	16,84
Alagoas	9,65	9,72	9,38	11,07	11,7	10,68	11,3	12,80	13,92	14,76	14,75	17,5	17,82	15,87	15,51
Sergipe	9,56	9,04	8,91	8,61	9,05	8,59	9,92	11,25	12,64	14,24	14,97	16,08	14,08	13,6	13,44
Bahia	10,10	9,74	9,74	11,31	12,72	12,83	12,18	15,52	15,38	15,91	16,64	18,56	17,48	16,69	14,99
Minas Gerais	6,82	6,85	6,24	8,24	7,85	8,63	9,29	11,15	10,93	11,2	11,11	13,67	12,17	12,28	10,64
Espírito Santo	6,49	5,79	6,05	6,92	6,62	8,15	9,07	11,05	11,5	12,72	13,6	14,45	13,35	12,99	11,6
Rio de Janeiro	6,44	6,13	5,78	6,55	7,2	8,23	8,53	10,01	11,38	12,11	13,44	14,51	15,65	14,48	15,07
São Paulo	7,04	7,22	7,08	8,45	8,99	9,57	10,12	11,96	12,18	12,78	12,41	14,23	13,5	13,24	12,71
Paraná	4,15	4,07	3,70	5,31	6,15	6,13	5,79	8,06	8,19	8,49	8,05	10,33	8,91	8,46	8,27
Santa Catarina	2,78	2,89	2,66	3,87	3,91	4,35	4,18	5,99	6,66	6,36	6,16	7,87	7,51	6,74	6,35
Rio Grande do Sul	4,90	5,17	4,50	5,63	5,88	6,85	6,51	7,48	8,72	8,24	8,25	9,14	8,42	8,05	7,98
Mato Grosso do Sul	3,93	4,03	3,77	6,1	6,22	6,27	5,93	7,78	6,97	7,66	8,16	9,78	8,86	7,91	7,3
Mato Grosso	3,93	3,74	3,97	5,65	6,16	6,62	5,66	9,09	9,8	8,95	9,49	10,47	8,62	9,38	7,33
Goiás	5,39	5,14	5,03	6,96	7,34	7,2	7,69	9,95	10,15	10,47	11,2	12,69	11,03	9,25	9,36
Distrito Federal	9,19	8,86	8,71	10,78	9,63	10,26	9,7	11,20	10,93	12	13,87	14,12	13,15	12,33	13,24

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: Dimac/Ipea.

TABELA B.2

Pnad Contínua: indicadores do mercado de trabalho

(Taxa de variação interanual, em %)

	PO												PEA												PIA												Taxa de participação											
	2016			2017			2016			2017			2016			2017			2016			2017			2016			2017																				
	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.																				
Brasil	-1,5	-1,5	-2,4	-2,1	-1,9	-0,6	1,6	2,0	1,8	1,8	0,8	1,3	1,4	1,3	2,4	1,8	1,1	1,3	1,2	1,1	1,3	1,0	61,4	61,6	61,2	61,4	61,6	61,7	61,8	61,8																		
Centro-Oeste	-1,3	0,2	-0,4	-0,4	-4,2	-0,8	1,9	3,2	1,3	2,7	2,4	3,5	0,0	0,6	2,8	1,5	1,7	2,2	2,0	2,2	2,5	2,2	3,0	2,3	64,8	65,5	64,9	65,6	65,2	65,7	65,7	65,1																
Nordeste	-3,7	-3,9	-6,4	-5,5	-4,9	-3,9	-0,2	1,3	-0,1	-0,7	-2,8	-1,2	-1,0	-0,9	0,7	0,7	1,2	1,3	1,5	1,6	1,6	1,4	1,2	1,0	56,1	56,0	55,0	55,0	54,7	54,8	54,7	54,9																
Norte	0,3	-0,2	-2,9	-3,5	-0,5	0,3	2,0	4,2	2,3	2,8	-0,1	1,0	2,7	2,5	3,2	2,5	2,1	2,6	2,3	2,4	0,6	0,7	1,1	2,8	61,4	61,3	60,3	60,5	60,0	60,3	60,2	60,4																
Sudeste	-1,1	-0,9	-1,1	-0,7	-0,8	0,8	1,8	2,1	2,7	2,9	2,5	2,5	1,3	1,2	1,8	2,4	0,7	1,0	0,7	0,9	1,0	0,7	0,8	0,8	63,1	63,5	63,6	63,8	64,4	64,6	64,9	64,8																
Sul	-0,1	-0,9	-0,6	-1,3	-0,1	1,2	4,0	1,5	2,3	1,8	1,4	0,8	2,6	2,2	3,6	1,5	1,1	1,3	1,3	1,0	2,0	1,9	2,4	1,0	64,6	64,3	63,9	64,3	64,8	64,6	64,5	64,7																
Masculino	-1,2	-1,1	-2,1	-2,6	-2,7	-1,6	0,4	0,9	1,9	1,9	1,0	0,6	0,2	0,2	1,1	0,7	1,2	1,5	1,5	1,4	1,2	1,1	1,0	0,7	72,7	72,5	72,0	72,0	72,0	71,9	72,0	72,0																
Feminino	-1,9	-2,1	-3,0	-1,5	-0,7	0,6	3,2	3,5	1,6	1,7	0,6	2,1	2,9	2,7	4,0	3,1	1,0	1,1	0,9	1,3	1,2	1,2	1,7	1,5	51,2	51,6	51,3	51,6	52,0	52,3	52,5	52,5																
De 14 a 24	-8,2	-7,4	-9,1	-8,8	-5,1	-2,3	2,2	3,0	0,9	1,8	-0,3	0,1	1,7	1,6	3,5	2,0	-0,2	0,1	0,5	0,2	0,7	0,7	-0,1	-0,4	50,2	50,3	49,2	49,7	50,7	50,8	50,9	51,0																
De 25 a 39	-1,1	-1,3	-1,5	-1,4	-2,2	-1,1	0,1	0,4	1,2	1,3	0,9	1,7	1,1	0,8	0,6	0,0	0,4	0,8	1,0	1,2	0,8	0,3	-0,2	-0,6	81,7	81,9	81,7	81,9	82,0	82,3	82,3	82,4																
De 40 a 59	2,2	1,8	-0,5	-1,2	-0,8	-0,3	1,6	2,4	2,5	2,5	1,6	1,0	1,4	1,2	2,3	2,4	2,9	3,0	2,0	1,5	1,7	1,4	2,0	1,9	72,8	72,9	72,8	72,7	72,6	72,8	73,0	73,1																
Mais de 59	2,5	-0,5	-2,6	3,1	0,4	3,7	9,1	7,1	3,7	0,7	-1,7	4,1	1,8	4,5	9,8	8,0	3,2	2,6	1,6	2,8	1,5	2,5	4,4	4,4	22,6	22,5	22,2	22,8	22,7	23,0	23,4	23,5																
Não chefe de família	-2,2	-1,1	-1,6	-1,3	-0,4	0,7	3,4	-89,6	2,1	3,3	2,4	3,0	3,3	2,9	4,0	2,8	0,6	1,3	1,1	1,3	1,3	1,0	1,3	0,9	56,9	57,3	57,0	57,5	58,0	58,3	58,6	58,6																
Chefe de família	-0,8	-2,0	-3,3	-3,0	-3,4	-2,0	-0,3	0,4	1,3	0,1	-1,1	-0,8	-0,9	-0,5	0,3	0,6	1,7	1,4	1,4	1,4	1,0	1,3	1,4	1,5	67,9	67,6	67,1	66,8	66,6	66,4	66,4	66,2																
Fundamental incompleto	-4,2	-3,4	-5,9	-8,8	-7,4	-6,1	-2,7	-0,9	-1,5	-0,6	-3,2	-5,3	-4,0	-3,7	-1,7	-1,3	-0,6	0,5	-0,1	-2,3	-1,6	-1,7	-1,2	-1,3	46,5	46,2	45,1	44,8	45,3	45,3	44,8	44,8																
Fundamental completo	-6,9	-7,5	-11,0	-7,7	-9,1	-12,4	-7,0	-7,4	-3,4	-3,5	-7,1	-4,0	-5,3	-10,1	-5,5	-7,2	-3,8	-3,3	-4,9	-1,9	-3,8	-7,6	-5,9	-5,9	58,1	58,4	57,4	58,3	57,2	56,8	57,7	57,5																
Médio incompleto	-9,6	-10,3	-6,2	3,7	4,3	13,8	14,0	13,0	-2,3	-2,7	1,1	11,5	9,5	15,6	13,3	10,6	-2,4	-2,9	0,8	10,1	7,3	11,0	8,1	5,2	52,8	53,9	54,5	55,3	53,9	56,1	57,1	58,1																
Médio completo	1,3	1,6	2,3	0,2	0,8	1,6	1,2	4,4	5,1	5,1	5,9	3,8	4,2	3,6	2,1	1,8	4,4	4,3	5,3	3,1	3,3	3,2	2,0	2,1	74,6	75,2	75,5	75,6	75,3	75,5	75,6	75,4																
Superior	3,1	2,0	0,6	4,6	3,2	4,7	7,9	6,6	5,2	4,3	2,3	6,2	5,0	5,4	7,9	6,8	4,5	3,5	2,1	5,7	4,7	5,4	7,4	7,3	79,8	80,1	79,9	80,4	80,0	80,1	80,3	80,1																
Região metropolitana	-1,7	-1,8	-3,1	-3,0	-2,9	-1,0	1,5	2,4	1,3	1,1	-0,6	-0,2	0,2	0,5	2,2	1,7	0,8	1,2	1,1	1,3	1,3	1,2	1,4	1,1	60,1	60,0	59,2	59,3	59,5	59,6	59,7	59,7																
Não região metropolitana	-1,2	-1,2	-1,6	-1,0	-0,4	-0,1	1,8	1,6	2,4	2,7	2,7	3,3	3,0	2,4	2,5	1,9	1,4	1,5	1,3	1,4	1,0	1,1	1,2	1,2	63,3	63,8	64,0	64,3	64,5	64,6	64,8	64,7																

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração: Dimac/Ipea.

